

Sociedade Pandemia abranda

Quantas mortes por covid-19 estamos dispostos a aceitar?

Haverá sempre pessoas que vão morrer por covid-19 enquanto o vírus estiver a circular. Na terça-feira 3,9% dos óbitos foram provados pelo SARS-CoV-2

Alexandra Campos

A maior parte da população já está protegida pela vacinação contra a covid-19 e o número de novos casos tem vindo a diminuir nos últimos tempos, mas as mortes têm-se mantido acima dos dois dígitos na maior parte dos dias. É normal, haverá sempre pessoas que vão morrer por covid enquanto o vírus estiver a circular e a incidência ainda se mantém elevada, sublinham os especialistas. Agora, a questão que se coloca é: quantas mortes por covid estamos dispostos a aceitar?

“Não há um número mágico”, diz Ana Paula Rodrigues, do Departamento de Epidemiologia do Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (Insa), que responde com uma pergunta: “Quanto óbitos é que nós, enquanto sociedade, admitimos para não termos que voltar a impor medidas que tenham implicações económicas e sociais?”

A boa notícia é que, com um intervalo de incidência (novos casos) entre 240 e 480 por 100 mil habitantes a 14 dias, nesta última onda confrontamos-nos com “uma média diária de dez mortes por covid-19”, precisa, enquanto, antes da vacinação e com o mesmo intervalo da incidência, “a média era de 53 mortes por dia, cinco vezes mais”. Apesar de a efectividade das vacinas ter diminuído com a variante Delta, que é muito mais transmissível do que as anteriores, “os estudos indicam que a protecção contra a morte continua muito elevada”, reforça. “Mas há sempre uma fracção da mortalidade que não é evitável, essencialmente por dois factores: porque a efectividade da vacina não é de 100% e porque os mais idosos são mais vulneráveis”.

Com os números de mortes contabilizados diariamente nos boletins

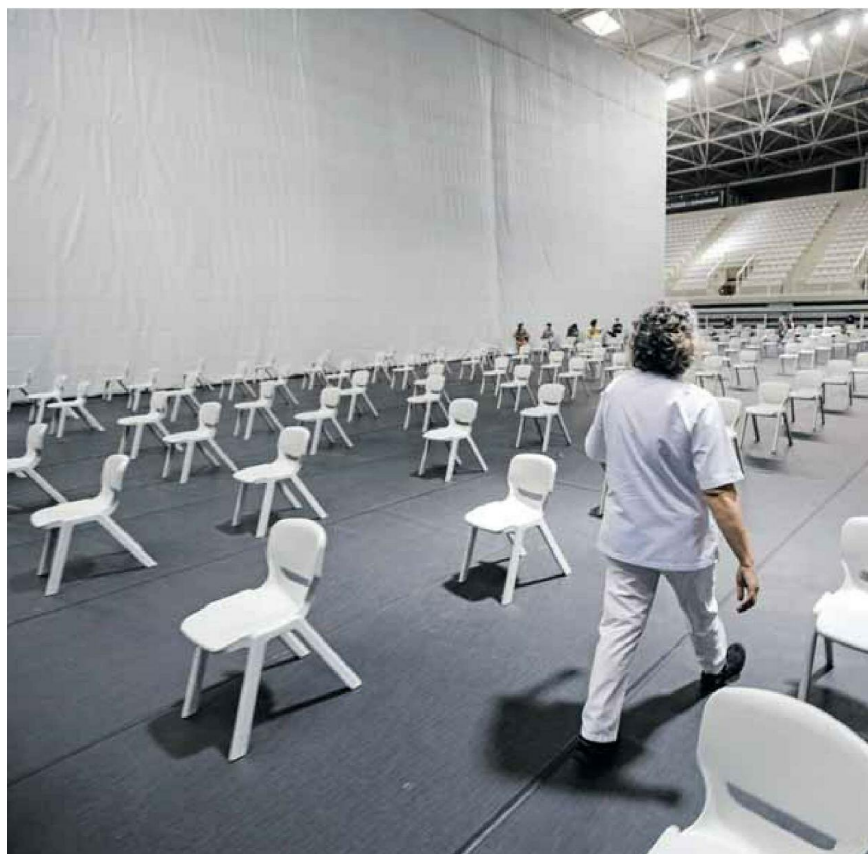
da Direcção-Geral da Saúde (DGS), parece que se continua a morrer muito por covid-19. Mas o que os dados mais recentes indicam é que Portugal, com uma taxa acumulada nos últimos 14 dias que ronda agora os 15 óbitos por milhão de habitantes, está abaixo do limiar mínimo que o Centro Europeu de Prevenção e Controlo de Doenças (ECDC) recentemente actualizou – de dez para 20 óbitos por milhão de habitantes.

Continuamos, porém, acima do limiar de risco mais baixo definido entre nós (10 por milhão). “Somos mais conservadores do que o ECDC, mas isto está em revisão”, adianta Ana Paula Rodrigues. Seja como for, este é um valor que não se traduz num excesso de mortalidade esperada para esta altura, afirma, lembrando que no pico da terrível onda do início do ano chegámos a atingir um “máximo de 368,4 óbitos por milhão de habitantes”, em 4 de Fevereiro.

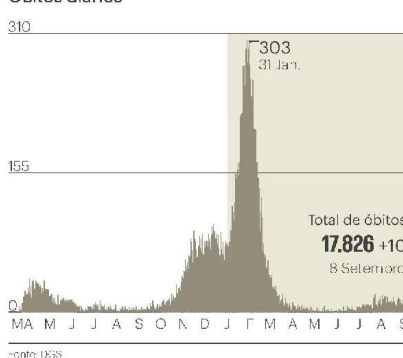
Para se ter um termo de comparação, na terça-feira morreram em Portugal 251 pessoas, das quais dez por covid-19, segundo o relatório da DGS. Isto representa 3,9% do total de mortes naquele dia.

“Vamos apanhar o vírus”

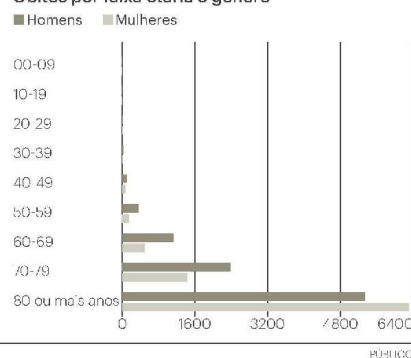
Olhando para os dados mais recentes, o epidemiologista Manuel Carmo Gomes sublinha que é preciso interpretá-los com cuidado. Até segunda-feira e desde o início de Setembro, “a média era de 11 óbitos por dia, e, se recuarmos à segunda metade de Agosto, era de 12, quando, no princípio do mês, oscilava entre 14 e 15”, especifica o professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, notando que é necessário olhar para a curva da incidência – que teve uma grande subida em Julho para depois estabilizar em Agosto (média de 2300 novos casos por dia). “Uma



Óbitos diários



Óbitos por faixa etária e género



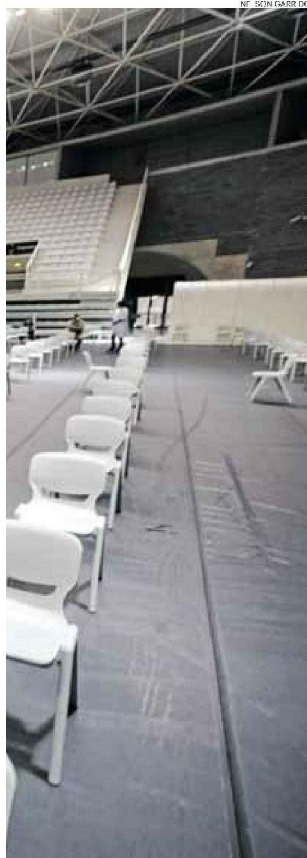
“Vai chegar uma altura em que a expressão dessa mortalidade será aceitável”

Oscar Felgueiras, Matemático

incidência desta ordem, tão prolongada durante tanto tempo, teria que ter impacto na mortalidade”, enfatiza. Mesmo que o risco de morrer por covid-19 tenha diminuído “significativamente” com a vacinação, “é muito difícil que não haja mortes no grupo das pessoas mais idosas, porque estas têm muitas co-morbilidades, muitas fragilidades, um sistema imunitário que responde mal”.

Com a variante Delta, que tem uma elevada transmissibilidade e o R0

estimado é de seis (cada infectado contagia, em média, seis pessoas) –, a situação agravou-se. O R0 mede o número de contágios que ocorrem quando o vírus tem condições para se espalhar, sem medidas restritivas. “Uma infecção com um R0 tão alto acaba por apanhar toda a gente, é só uma questão de tempo”, antevê. A diferença é que, com a maior parte da população protegida, através da vacinação ou da infecção, o risco de morrer diminui.



O processo de vacinação em massa está a chegar ao fim

É o que está a acontecer no Reino Unido, onde o número de novos casos disparou, “mas o de hospitalizações e mortes, apesar de elevado, parece estar controlado”. “O Reino Unido está a correr um grande risco, temos que esperar para ver o que vai acontecer. Iremos ter sempre casos, é nisso que os britânicos estão a apostar, só que o estão a fazer à bruta”. Portugal poderá seguir a mesma estratégia? “Podemos fazer o mesmo, mas mais devagar, a médio e longo prazo, de uma forma mais sensata”, pondera, até porque, avisa, “vamos todos apanhar o vírus”. “Não vale a pena ter ilusões: nos próximos anos não nos vamos ver livres do vírus. À escala planetária, está com uma circulação tremenda. É como estar a querer parar o vento com os dedos...”

O certo é que a covid-19 vai continuar a matar enquanto o vírus circular. “Agora, vai chegar uma altura em que a expressão dessa mortalidade será socialmente aceitável”, como sucede com outras doenças, observa também o matemático Óscar Felgueiras, que ajudou a elaborar os planos de desconfinamento. “Apesar de tudo, ainda temos uma circulação substancial do

Incidência baixa

Portugal registou, na terça-feira, dez mortes e 1778 novos casos de infecção, de acordo com os dados da Direcção-Geral da Saúde (DGS) divulgados ontem. Dos dez mortos, metade foi registada na região de Lisboa e Vale do Tejo, seguindo-se a região Centro com três óbitos e a região Norte com dois. Morreram sete mulheres — uma com idade compreendida entre os 60 e os 69 anos, uma na faixa etária 70-79 e cinco com mais de 80 anos — e três homens — dois com mais de 80 anos e um com idade entre os 70 e os 79. Há menos 29 pessoas internadas, contabilizando-se agora um total de 621 camas ocupadas, 135 delas em cuidados intensivos (o mesmo valor do dia anterior).

Os indicadores da matriz de risco foram actualizados: o índice de transmissibilidade — designado por $R(t)$ — situa-se nos 0,92 a nível nacional e no continente nos 0,93. A incidência desceu e está agora em 259,6 casos por 100 mil habitantes nos últimos 14 dias a nível nacional, 267,4 em território continental. **Sara**

Xavier Nunes

vírus. Em Agosto, a incidência foi relativamente elevada. E a maior incidência nos mais jovens, tradicionalmente o motor da infecção, acaba por transbordar para os mais idosos”, explica o professor da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, notando que nos últimos sete dias já se verifica uma quebra acentuada.

Preferindo olhar para a letalidade (mortes por número de casos), Carlos Antunes, investigador da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, lembra que, apesar de um ligeiro acréscimo a partir de Junho, esta se tem mantido estável. E, “se em Agosto do ano passado tínhamos uma média de três óbitos por dia e agora temos dez a 11, é preciso notar que nessa altura a média era de 250 novos casos por dia e agora é de 2100”. “O número de mortos a mais justifica-se porque temos mais casos”, sintetiza.

Para reduzir a mortalidade, seria necessário “trazer o número de casos para baixo”, e isso implicaria voltar às restrições. O que está a acontecer é que o número de casos está a diminuir, “mas no grupo dos jovens adultos, que não morrem por covid-19”, enquanto os óbitos em idades mais avançadas se mantêm. “O que a sociedade tem que dizer é se quer aceitar isto”.